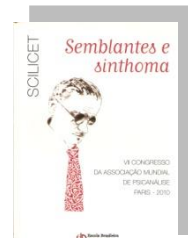


## SIGNO E SIGNIFICANTE

Marcus André Vieira



[Clique aqui para ampliar](#)

Referência:

Vieira, M.A. Signo e significante. *Scilicet - Sinthoma e Semblantes*, São Paulo, EBP, 2009, pp. 336-340.

Classicamente, uma teoria do signo é uma teoria da representação. Um signo é um “perceptível” que responde por um “imperceptível”, o primeiro representa o segundo. A essa função do signo acopla-se uma teoria da significação: o significado de um signo é a coisa que ele representa.<sup>1</sup>

A experiência analítica, onde todas as coisas são fruto de um dizer, exige outra abordagem, cujo ponto de partida será a teoria de Saussure. O signo perde sua relação fundamental com o referente e passa a ganhar valor dentro do sistema de signos da língua. Lacan renomeia o signo saussuriano, formaliza e reduz: um significante só tem significado no pareamento com outro, só tem sentido na estrutura, em uma relação que escreveu: S1-S2.

O significado será sempre outro significante e este também remete a mais um, como ocorre quando percorremos um dicionário. Nas chicanas infinitas da estrutura (delimitadas por Lacan como metonímia e metáfora) haverá significação, sem que se esgote jamais, porém, o sentido de um objeto. Nesse sentido último, que o dicionário não possui, localiza-se nosso sujeito. Ele não apenas escapa à estrutura, também nela está incluído como o furo que tudo põe em movimento, donde sua definição lacaniana: um sujeito é o que surge do pareamento dos significantes ou o que um significante essencialmente representa para outro.<sup>2</sup>

É uma revolução clínica e não apenas epistemológica. Porque não é alguma coisa o sujeito se distingue da subjetividade, sempre um conjunto de atributos palpáveis. Ele é presença de uma ausência, aquilo que fica fora do currículo e que por isso mesmo guarda o segredo que dá vida aquilo que seria sem ele apenas uma lista de predicados.

O pensamento estrutural é alinhadíssimo com a invenção de Freud, desnortativiza, dessubstancializa, permite imaginar redescições de si. Muitos investiram nessa euforia da estrutura, mas não Lacan. Ele dá um passo atrás e nos faz perguntar: se nada nomeia nosso ser, se a significação de si é um artefato linguageiro, porque não conseguimos reprogramar o sujeito tão facilmente? No mesmo sentido poderíamos acrescentar: por quê a psicanálise e não a terapia cognitivo-comportamental? Nem tudo se modifica, algo resiste e repete. Neste sentido, sabemos, Freud criou a pulsão de morte que é retomada por Lacan a partir de seu conceito de gozo e que, condensado em um objeto, será chamado objeto *a*.<sup>3</sup>

Não se pode pensar o sujeito sem este seu contraponto. O primeiro é vazio, faz corte e acontecimento, o segundo é sólido, opaco no qual se tropeça. Um é fugidio e o outro presença imperativa. Um é “?” e o outro “!”. No fundo sujeito e objeto são duas apresentações do real, mas do real na estrutura (afinal, tomá-los fora da articulação S1-S2, para além da linguagem, flertaria perigosamente com o místico, exatamente o que evita Lacan quando promove com estes quatro elementos - S1, S2, ∃, a - sua teoria dos discursos).

J. A. Miller observa, porém, como, no mesmo momento em que fabrica seus discursos, Lacan traz de volta a referência ao signo. Retoma e retorce a definição de Peirce (o signo representa uma coisa para alguém), afastando-a radicalmente da teoria clássica da representação.<sup>4</sup>

O ponto de partida será: “Onde há fumaça há fogo”. Lacan submete esta idéia à seguinte situação, imaginemos uma coluna de fumaça avistada por alguém que se aproxima de uma ilha. Ela seria um sinal? Sim, no entanto, como quem lê só o faz a partir de sua posição não há o alguém-leitor e apenas um lugar, o do significante “fumaça”, que neste caso acena para

outro significante, o “navegante” por exemplo. Entre um e outro, algo se localiza de um sujeito, mas o que dizer dele?

Um passo a mais será dado quando Lacan refere-se ao sujeito em questão como o *Ninguém* da história de Ulisses e do ciclope, indicando que ele pode ser vazio, mas não sem corpo. O signo pode dar notícias deste algo que constitui um sujeito como seu contraponto, a carne de seu vazio.<sup>5</sup>

Aqui precisamos nos apoiar no modo como Miller retoma o tema ao propor que se pense a função do signo como correlata à do gozo. É para isto que, entendemos agora, Lacan aponta quando afirma que a fumaça em última instância é sinal do “fazedor de fogo”. Trata-se da produção da fumaça como figura de um gozo fora da estrutura; melhor encarnado pelo incendiário, mais do que, por exemplo, o cozinheiro. Ainda mais eloqüente é a articulação empreendida por Lacan entre a fumaça e o fumante. A fumaça é signo do gozo do fumante, personagem que tem assumido progressivamente, em uma cultura como a nossa em que prima o reciclável e o *light*, o lugar êtimo de algo que insiste, incongruente e insensível a quaisquer oferta de inclusão na estrutura.<sup>6</sup>

Em uma análise, as diferentes versões e leituras do que somos, vão sendo desfiadas e reduzidas a poucos elementos fragmentários: um cheiro de pão fresquinho, de terra molhada, o ouro e azul do sol na areia, um carinho de mãe ou o cinto paterno, que esvaziados do pathos que carregavam tornam-se mais balizas que lembranças. Não são nomes que se articulam produzindo significação, mas signos, traços que se repetem e que não remetem a outros, apenas depositam-se, pesam ocasionalmente, mas também concluem, interrompem a sequência infinda da fala.

Eles não se apresentam somente em uma análise. A dimensão do significante (e do sujeito) por vezes se esvazia na vida. Neste momento, diz Lacan, “compra-se um carro”. É dar ao gozo, nos termos de Miller, uma *insígnia* ao usá-lo a partir de um semblante e dele fazer um signo fixo.<sup>7</sup> Em vez de dizer algo como “onde há carro pode haver vida”, o uso do semblante como insígnia diz algo como “só onde há carro há vida”. É a base dos grupos de auto-ajuda, onde um S1, AA por exemplo, dá sinal de um gozo que passou a fazer laço graças a sua repetição eternamente renovada.

Compare-se com o caminho do *witz*, que diz por exemplo, “onde há fumaça, há torrada”. O que seria essa torrada senão algo assinalando um ratear da estrutura que se materializa como resto? Ao mesmo tempo, resto de significação, ela sofre uma intervenção que lhe dá lugar na estrutura.

Lacan promove em seu último ensino, o sintoma como um gozo que pode ter vários destinos. Decifrado, se tornará um significante, como fizeram as primeiras históricas de Freud; tornado insígnia localizará um traço de gozo ao qual só resta a repetição, e finalmente, como propõe Lacan, pode ser incorporado ao fazer, a um “se virar” na situação [*savoir y faire*]. O sintoma, como resto irreduzível, é o mesmo, mas o fazer com ele é outro. A política analítica do sintoma se apresentaria assim como a abertura ao encontro e ao encontro de um estilo.<sup>8</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. Milner, J. C. *Le périple structural*, Paris, Seuil, 2002, p. 26 e 35.

<sup>2</sup> Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 833 (Écrits, p. 819). Cf. Milner, J. C. op. cit. p. 105.

<sup>3</sup> Miller, J. A. *Los signos del goce*, Buenos Aires, Paidós, 1998, p. 286 (1/4/87); Milner, J. C., op. cit. p. 155, e Regnault, F. *Notre objet a*, Paris, Verdier, 2003.

<sup>4</sup> Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, 411-413 (Autres Écrits, pp. 414-416) et Miller, J. A. *Los signos del goce*, Buenos Aires, Paidós, 1998, p. 276 (25/3/87).

<sup>5</sup> *Ibid.* p. 412.

<sup>6</sup> Miller, J. A. *El Otro que no existe y sus comités de ética*, Buenos Aires, Paidós, 2005, p. 238 ( e ainda Milner, J. C. op. cit, p. 275.

<sup>7</sup> Miller, J. A. 1998, p. 117 (7/1/87).

<sup>8</sup> Miller, J. A. 1998, p. 290 (1/4/87).

SCILICET

# Semblantes e sinthoma



VII CONGRESSO  
DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL  
DE PSICANÁLISE  
PARIS - 2010

 **Escola Brasileira  
de Psicanálise**

**Diretor de publicação**  
Rômulo Ferreira da Silva

**Concepção e coordenação**  
Éric Laurent e Luis Solano

**Comitê de ação da Escola Una**  
Lizbeth Ahumada (NEL), Marie-Hélène Blancard (ECF), Luisella Brusa (SLP),  
Anne Lysy-Stevens (NLS), Ana Lydia Santiago (EBP),  
Sílvia Elena Tendlarz (EOL), Hebe Tizzo (ELP)

**Responsáveis pela edição da Escola Brasileira de Psicanálise**  
Vera Avellar Ribeiro e Simone Souto

**Traduções**  
**Membros da Escola Brasileira de Psicanálise responsáveis pelas equipes de tradução**  
Seção Bahia: Jordan Gurgel; Seção Minas Gerais: Frederico Feu de Carvalho;  
Seção Rio de Janeiro: Maria Elisa Delecave Monteiro; Seção São Paulo: Maria Josefina Sota Fuentes;  
Seção Pernambuco (ef): Elizabete Siqueira; Seção Santa Catarina (ef): Oscar Reymundo

**Revisão**  
Vera Avellar Ribeiro e Carlos Augusto Nicéas  
A edição final dos textos aqui traduzidos considerou,  
como referência, a versão francesa de Scilicet

**Revisão ortográfica e gramatical**  
Maria de Lourdes Costa (Tucha)

**Diagramação**  
Eduardo Costa de Queiroz – Saitec Editoração

**Responsáveis dos Comitês de Leitura**  
EBP: Jordan Gurgel e Angelina Harari – ECF: Francisco-Hugo Freda e Jean-Louis Gault – ELP:  
Clara Bardón e Lucia D'Angelo – EOL: Ana Ruth Najles e Mônica Torres – NEL: Juan Fernando  
Pérez – NLS: Pierre-Gilles Guéguen – SLP: Marco Focchi e Fabio Galimberti

**Agradecimentos**  
Agradecemos aos autores que participaram deste Scilicet, cuja realização só pôde acontecer graças à  
preciosa contribuição de cada um. Agradecemos, também, aos colegas membros da Escola Brasileira  
de Psicanálise pelo empenho na tradução dos verbetes que compõem este volume.

**Copyright © 2009 by Escola Brasileira de Psicanálise, São Paulo**

---

Scilicet: semblantes e sinthoma  
São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2009.  
375 p. 15 X 21 cm  
ISSN: 978-85-63061-00-3  
Textos preparatórios para o VII Congresso da Associação Mundial  
de Psicanálise (AMP), Paris, 2010.

1. Psicanálise I. Associação Mundial de Psicanálise (AMP) CDU: 159.964  
CDD: 150.195

## S

Saber	Ricardo Seldes (EOL)	p. 312
Saber-fazer ali	Mauricio Tarrab (EOL)	p. 316
Santo homem	Yves Depelsenaire (ECF)	p. 320
Satisfação	Blanca Sánchez (EOL)	p. 324
Sentido e fora do sentido	Mônica Torres (EOL)	p. 327
Ser	Mercedes de Francisco (ELP)	p. 330
Significação	Montserrat Puig (ELP)	p. 333
Signo e significante	Marcus André Vieira (EBP)	p. 336
Simbólico	Isabella Ramaoli (SLP)	p. 340
Sintoma e <i>sinthoma</i>	Guillermo Belaga (EOL)	p. 343
Sublimação	Gérard Wajcman (ECF)	p. 346
Sujeito suposto saber	Sílvia Elena Tendlarz (EOL)	p. 349
Suplência	Francesc Vilà (ELP)	p. 352

## T

Tampão	Enric Berenguer (NEL)	p. 355
Todos loucos	Luis Dario Salamone (EOL)	p. 358
Transferência	Hilda Vittar (EOL)	p. 361

## V

Verdade e mentira	Graciela Brodsky (EOL)	p. 365
-------------------	------------------------	--------